

UM ACORDO PARA A PAZ

Colaboração especial da AIM

N. 1913/84

Há mais de 90 anos o Povo moçambicano não conhece a paz. Na última década do século XIX, a colonização portuguesa em Moçambique ganhou a dimensão brutal da ocupação militar à medida que a monarquia portuguesa entrava na parti-

Depois, durante dez anos, liderado pela FRELIMO, o Povo de moçambique ergueu-se de armas na mão para lutar contra o exército colonial de Portugal. Os massacres passaram então a andar de mãos dadas com a tortura e a morte nas prisões, mas finalmente a independência vingou em Junho de 1975.

A República Popular de Moçambique não tinha ainda um ano de existência quando as tropas rodesianas,

lha da África, junto e contra outros países europeus. O que se seguiu foram décadas de humilhação diária, escravatura, trabalho forçado, castigos corporais, racismo, numa palavra, violência.

tanques e aviões, começaram a semear a destruição em várias províncias de Moçambique. Foram outros quatro anos de guerra, violência e morte.

Finalmente, em Dezembro de 1979, o regime de Smith foi forçado a acei-

tar a independência do Zimbábwe, em Lancaster House, e o Presidente Samora Machel declarou que o país esperava agora um futuro de reconstrução nacional em paz.

Mas a paz não era ainda uma reali-

dade. A África do Sul, que havia ajudado o colonialismo português e a Rodésia com armas e soldados, desencadeia contra Moçambique uma estratégia de desestabilização sem precedentes, envolvendo os bandos armados criados pelos rodesianos e levando a cabo ataques pelas suas forças de terra e ar.

Moçambique prosseguiu a sua resistência armada, ao mesmo tempo que mantinha os seus esforços políticos e diplomáticos no sentido de se encontrar a paz.

Agora, a África do Sul e Moçambique assinaram um Acordo de Não-Agressão e Boa Vizinhança. Após longo tempo, as perspectivas de paz para o Povo moçambicano parecem ser uma realidade. Esta é a razão fundamental pela qual os moçambicanos assinaram o Acordo de Nkomati. A paz tem sido o seu desejo mais profundo e por isso o acordo deve ser visto como um triunfo sobre as forças da violência e do militarismo.

Mas uma paz longa e durável não surge automaticamente hoje com a assinatura do acordo. Ele simplesmente cria condições para a paz ser alcançada a médio prazo.

Durante algum tempo, os moçambicanos deverão continuar a sua luta contra os bandidos armados, sabendo claramente que nos últimos dois meses, enquanto Moçambique e a África do Sul se aproximavam de um acordo, centenas de bandidos atravessaram a fronteira para Moçambique, incluindo directamente para a Província do Maputo; também, muitas toneladas de novas armas e munições foram colocadas à disposição dos bandidos pela África do Sul.

Segundo, mesmo depois da liquidação dos bandidos, os moçambicanos continuarão a olhar com apreensão os seus vizinhos do Sul porque, enquanto o «apartheid» existir, será sempre uma fonte de conflito que pode levar facções militaristas na África do Sul a voltarem a uma estratégia de agressão regional.

As condições para a paz existem no acordo. A cessação de hostilidades por parte da África do Sul não irá certamente levar Moçambique a abandonar a sua política de fortalecimento da sua capacidade defensiva, mas fará com que no domínio militar não sejam necessários os recursos humanos e materiais que hoje são preciosos. O caminho estará aberto para uma luta rápida e mais tranquila pelo desenvolvimento.

Foi para uma existência de paz e progresso com todos os seus vizinhos, que inúmeros moçambicanos lutaram e morreram ao longo de décadas. Como todos os povos do Mundo, o Povo moçambicano anseia pelo período da história humana em que a paz será a espinha dorsal da cultura do homem e o planeta terrestre o seu lar.



A delegação sul-africana à cerimónia oficial da assinatura do Acordo de Nkomati. De entre os presentes assinalamos 1 — Louis Le Grange, Ministro da Lei e Ordem; 2 — General Viljoen, Chefe das Forças da Defesa; 4 — Y. Van Dalsen, Director dos Negócios Estrangeiros; 5 — General Coetze, Comissário da Polícia